

O Tabuleiro da Consciência: A Cocriação Humana e as Leis Divinas

Helio Abreu Filho. *Sanitarista e escritor espírita.*
www.helioabreufilho.com.br



Resumo

Este artigo propõe uma reflexão analítica sobre a relação entre a consciência individual e as Leis Divinas, utilizando a metáfora de uma partida de xadrez solitária para ilustrar o mecanismo de causa e efeito. Afastando as concepções antropomórficas de uma divindade punitiva ou concessiva, o estudo examina a proposta espírita da alma como agente imortal imerso no Fluido Cósmico Universal, onde o livre-arbítrio opera como ação primária e as leis naturais oferecem a reação automática e educativa. Apoiando-se na Codificação Kardequiana e na literatura complementar de André Luiz e Léon Denis, o trabalho discute a transição da mente humana em direção à compreensão de sua responsabilidade ética como espírito cocriador em plano menor.

Palavras-chave: Espiritismo; Leis Morais; Livre-Arbítrio; Cocriação; Fé Raciocinada.

Introdução: A Transição das Metáforas Antropomórficas

Muitas vezes, a linguagem humana precisa recorrer à imagem de um Deus antropomórfico — um juiz que dita regras, pune ou perdoa — para que o homem consiga tatear seus próprios limites diante da potência divina. Trata-se de um recurso pedagógico secular, adaptado ao estágio evolutivo inicial das sociedades. No entanto, sob a ótica da fé raciocinada, quando se remove o véu dessas figuras de linguagem, o que se revela é uma engenharia moral perfeita, contínua e imutável: o exercício das Leis Divinas operando na intimidade da criação.

Compreender essa realidade em espírito e verdade exige uma ampliação da consciência. Conforme a Doutrina Espírita propõe, sendo Deus a inteligência suprema e a causa primária de tudo, a criatura não se encontra isolada ou situada fora da realidade providencial. O princípio inteligente traz em sua essência a centelha da criação, elemento que o define como um agente dotado da faculdade de agir sobre a matéria e sobre as correntes fluídicas, qualificando-o como cocriador em escala menor.

Desenvolvimento: O Diálogo entre o "Eu" Menor e o "Eu" Todo

A partir do momento em que o Espírito desperta para a compreensão de suas potencialidades e de sua responsabilidade moral, a visão de uma divindade externa, sujeita a caprichos ou favores, perde o sentido lógico. Tudo o que existe passa a se estabelecer na relação direta e íntima do "eu" menor — a individualidade em processo de evolução — com o Universo, as leis naturais e o Criador. O ser humano não se posiciona como uma peça isolada em um tabuleiro mecânico; ele integra a própria substância e o cenário onde as forças da vida se manifestam.

Sob essa lente interpretativa, quando o homem age, ele não está ativando a atenção de uma divindade circunscrita a um trono metafísico. Ele está, fundamentalmente, manipulando as leis que estruturam o próprio meio fluido-magnético onde se encontra imerso. O sofrimento, nesse contexto, deixa de representar um castigo arbitrário e passa a ser compreendido como a ação reguladora da lei de causa e efeito reajustando as matrizes perispíricas. Analogamente, o progresso moral constitui o tracionamento natural da centelha espiritual impulsionada pela lei de evolução em direção ao seu destino superior.

Fundamentação Doutrinária: O Mecanismo Automatizado das Leis Universais

A análise da Codificação Espírita oferece os alicerces necessários para referendar essa visão causal e autônoma da evolução humana. Na questão número 1 de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec estabelece as bases do teísmo racional ao definir Deus como a "inteligência suprema, causa primária de todas as coisas", afastando em definitivo os resquícios do antropomorfismo mitológico.

Complementarmente, na Parte Terceira da mesma obra, dedicada às Leis Morais, a questão 621 examina o local de registro da legislação divina. A resposta categórica dos Benfeitores — "*Na consciência*" — corrobora a tese de que os processos de cobrança, remorso, reajuste ou benesse constituem mecanismos internos e automatizados da alma perante as leis da natureza, dispensando tribunais ou sentenças externas.

Essa dinâmica ganha contornos de física transubstancial em *A Gênese*, especificamente no Capítulo II, ao tratar da natureza da Providência. Kardec emprega uma analogia em que compara Deus a um oceano fluido e as criaturas a seres imersos nesse meio, demonstrando que todos os nossos pensamentos, vontades e atos repercutem de maneira imediata e inevitável nesse fluido universal. O texto da Codificação esclarece que as leis divinas funcionam com a mesma constância e regularidade das leis da física, operando de forma perene sem a necessidade de intervenções pontuais, excepcionais ou milagrosas.

Reflexões Complementares: A Partida de Xadrez Solitária

A dinâmica do livre-arbítrio e da responsabilidade pode ser comparada, didaticamente, a uma partida de xadrez solitária, em que o Espírito estabelece um monólogo com a própria consciência e com o ambiente que o cerca. Nesse modelo analógico:

- **A Peça Branca (A Ação):** Simboliza a emissão mental, a escolha consciente e o direcionamento da vontade do 'eu' individual perante as leis naturais. É o uso livre e espontâneo da inteligência agindo sobre as correntes da matéria e do fluido.
- **A Peça Preta (A Reação):** Não simboliza um adversário real ou uma força punitiva externa, mas constitui o reflexo imediato, automático e proporcional do Todo, devolvendo à criatura o resultado exato de seu movimento anterior.

A literatura complementar corrobora essa imagem interpretativa. Na obra *Evolução em Dois Mundos*, psicografada por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, o Espírito André Luiz desenvolve o conceito de "cocriação em plano menor", asseverando que o homem molda o seu próprio destino e o seu corpo espiritual através da assinatura vibratória de seus pensamentos habituais. O Fluido Cósmico reage à mente de forma matemática, funcionando como o eco do xadrez existencial.

Também Léon Denis, em *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, demonstra que a alma é a verdadeira arquiteta de sua própria estrada. Denis argumenta que o destino e as dores humanas não derivam de caprichos ou preferências celestes, mas sim de uma lei de harmonia cósmica que busca restabelecer o equilíbrio do sistema sempre que a conduta ética da criatura gera um desvio de rota.

Conclusão: O Monólogo Sagrado da Evolução

A análise conjunta da Codificação Espírita e dos subsídios filosóficos e científicos da literatura complementar permite concluir que as atribuições humanas de um "Deus que cobra" ou de um "Deus que concede" representam, em realidade, os reflexos das próprias atitudes do

indivíduo retornando ao seu ponto de origem pelas vias naturais da criação. A evolução espiritual revela-se como esse monólogo sagrado em que a centelha divina dialoga com o Todo e com as Leis Universais.

Ao desmistificar a visão de um tribunal exterior e situar a lei moral no âmago da consciência, o Espiritismo eleva o senso de autorresponsabilidade das massas. A trajetória da evolução deixa de ser um percurso governado pelo temor ou pela busca de favores místicos para se converter em um exercício consciente de higiene mental, retidão de propósitos e caridade ativa, onde cada movimento do livre-arbítrio aproxima, em passos seguros, a individualidade de sua destinação gloriosa na harmonia cósmica.

Referências Bibliográficas

- DENIS, Léon. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2017.
- KARDEC, Allan. *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2018.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2019.
- XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Evolução em Dois Mundos*. Pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2018.